

SENTIDO EXISTENCIAL E O PRINCÍPIO DA POSSE

EXISTENTIAL MEANING AND THE PRINCIPLE OF POSSESSION

Dionei Mathias

Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria (RS)

E-mail: dioneimathias@gmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende analisar o papel das emoções, em especial da inveja, no processo de construção de sentido existencial no romance *Die Liebhaberinnen*, publicado pela escritora austríaca Elfriede Jelinek. Após uma reflexão inicial sobre as emoções, o artigo apresenta o romance e analisa o sentido existencial atrelado à posse, casamento e signos de êxito, discute seu impacto sobre a figuração de família e reflete sobre a reprodução de modelos e os entraves para a inovação. Jelinek parece mostrar em seu texto que a inveja configura o sentido existencial em diferentes esferas da identidade pessoal, criticando com isso a lógica do ter, em oposição ao princípio do ser.

Palavras-chave: Elfriede Jelinek. *Die Liebhaberinnen*. Emoções. Inveja.

ABSTRACT

This article aims to analyze the role of emotions, especially of envy, in the process of existential meaning construction in the novel *Die Liebhaberinnen*, published by the Austrian writer Elfriede Jelinek. After an initial reflection about emotions, this article presents the novel and its conflict, analyzes the existential meaning based on possessions, marriage and signs of success, discusses its impact on the representation of family and reflects about the reproduction of models and the difficulties to overcome them. Jelinek seems to show in her text that envy is the basis of the existential meaning in different spheres of personal identity, thus criticizing the logics of having in opposition to the principle of being.

Keywords: Elfriede Jelinek. *Die Liebhaberinnen*. Emotions. Envy.

1 INTRODUÇÃO

Sobre o papel das emoções na construção de sentido e identidade

Toda emoção se refere a um objeto em especial, extraíndo seu conteúdo da imensidão do impercebido para a esfera do subjetiva e cognitivamente importante, ou seja, a percepção está diretamente ligada às emoções. De modo análogo, o impercebido ou reprimido também está conectado a estados anímicos como indiferença, desinteresse ou medo, excluindo assim conteúdos indesejados ou irrelevantes para a construção de identidade do indivíduo. As emoções não permanecem somente no interior do sujeito, configurando seus movimentos anímicos, elas transformam a realidade exterior, instituindo novos modos de ação e organizando implicitamente a perspectiva tomada para analisar o mundo circunstante.

Irritação, embaraço, tristeza são, entre outras coisas, constatações acerca da realidade pessoal; elas avaliam a própria situação ou a situação alheia, comparando possíveis interpretações e subseqüentes configurações de projetos pessoais (SOLOMON, 2001, p. 173). Emoções, portanto, raramente estão desprovidas de conteúdos concretos, ou seja, de objetos existentes ou interpretações entrevistas além das fronteiras pessoais que formam a base posterior dessas emoções e suas articulações nos processos de comunicação e ação (SOLOMON, 2001, p. 156). O indivíduo está sujeito a suas próprias avaliações, porquanto são elas que o impelem a agir ou deixar de fazê-lo.

São também as emoções que ajudam o indivíduo a construir seu senso de dignidade e autoestima. Cada juízo emocional proferido sobre si sempre tem por fim avaliar direta ou indiretamente sua propriedade no que concerne ao conceito de dignidade defendida pelo sujeito envolvido (SOLOMON, 2001, p. 175). A dignidade e a autoestima formam conseqüentemente um pano de fundo para os primeiros passos da interpretação de acontecimentos, a formação de emoções e sua integração no projeto pessoal (VOSS, 2004, p. 141). As emoções têm a função primordial de aumentar e expandir a dignidade, evitando sensações que ponham em risco uma autoimagem construída ao longo de muitos anos. Obviamente, nem sempre é possível evitar acontecimentos e emoções cuja interpretação leva o indivíduo a uma reelaboração do próprio projeto existencial ou mesmo a um impasse, tratando-se de conteúdos indesejados.

As emoções negativas, muitas vezes, resultam justamente desse impasse, pois o indivíduo se vê confrontado com a impossibilidade de integrar a interpretação de certos acontecimentos em seu projeto pessoal sem uma perda representativa de dignidade e sem poder, por outro lado, mudar os acontecimentos ou as ações alheias de tal maneira, que não atinjam seu projeto pessoal. Inveja, ódio, medo, vergonha são alguns exemplos dessa incongruência entre

autoimagem e sua concretização na realidade extrassubjetiva. Com uma série de acontecimentos exteriores afetando ou destruindo sua dignidade, o indivíduo tende a atribuir valores negativos aos acontecimentos de seu entorno social, aumentando assim seu potencial de agressão e hostilidade. A impossibilidade de integração desses aspectos na narração pessoal resulta ou em sua exclusão através de sua ignorância sistemática ou em sua repressão para fins de autoproteção. Se o indivíduo não logra esquivar-se de seu reconhecimento, começam a surgir emoções negativas com o fim de interromper os processos comunicativos e impelir o interlocutor a reestruturar a realidade destruída, ao sentir-se ameaçado ou agredido. Emoções revelam, portanto, a avaliação, ou melhor, a interpretação por parte do sujeito dos acontecimentos que o circundam e o afetam existencialmente. Como eixo, a dignidade o orienta em seus juízos.

Nessa dinâmica de sentimentos marcada ininterruptamente por juízos, o indivíduo constrói uma rede teleológica que lhe confere um sentido existencial e que o protege em tempos de crise, evitando que se destruam totalmente seus emaranhados pessoais de sentido. O sentido existencial e, com isso, também a orientação teleológica, segundo Solomon (2001), têm sua base nas emoções, porquanto são elas que atribuem um sentido às pessoas e aos objetos que circundam o indivíduo. O ato da percepção e sua subsequente inserção no mundo cognitivo eliminam, num primeiro passo, a indiferença; a interpretação dos acontecimentos decidirá de que maneira é possível integrá-los na narração pessoal de modo que aumentem ou protejam a dignidade e a identidade pessoal.

Para que essa estrutura seja sólida, é necessário que se introduzam elementos que unam as diferentes partes do discurso para evitar a contingência existencial das experiências do cotidiano, sendo isso imprescindível para a sensação de finalidade. As experiências primeiramente contingentes são integradas na narração pessoal com mais êxito se atadas a emoções que produzem uma rede de causalidade, proporcionando assim uma maior estabilidade anímica ao sujeito da ação (SOLOMON, 2001, p. 74). Mais que a razão, são as emoções que interligam diferentes acontecimentos, possibilitando interações estáveis e relações sociais duradouras. Ou seja, o sentido existencial, o objetivo de toda narração, tem sua fonte na experiência subjetiva formadora de emoções e interpretações, com as quais o indivíduo constrói sua autoimagem e seu autoentendimento existencial.

Solomon enfatiza que o indivíduo não existe numa realidade extrassubjetiva, mas sim sempre dentro dos moldes de um mundo construído e caracterizado por "juízos e medos, perdas e ganhos, recompensa e castigo, conhecido e alheio" (2001, p. 183). Dentro dos limites estabelecidos por esses parâmetros, as emoções vão criando estruturas em cujos marcos suas ações e seus objetos adquirem valores e significados para a construção de identidade, dignidade e

realidade. Toda experiência significa, de fato, experimentar emoções. O conjunto de valores institucionalizado e a ser instaurado se forma a partir de emoções que interpretam o mundo. Os juízos proferidos individualmente, portanto, tecem as teias de significados.

Com base nesses significados, torna-se possível visualizar uma primeira concepção de futuro, ou melhor, a própria interpretação de acontecimentos representa sempre uma avaliação das inferências para projetos, imagens, realidades a serem conquistados a longo prazo. Portanto, emoções contêm uma intenção de ação, um desejo de construção que esteja em conformidade com a narração pessoal (SOLOMON, 2001, p. 205). Entre o estado atual e a condição a ser alcançada, as emoções criam laços interligando ações e objetivos. No limbo criado entre a projeção individual e sua repercussão no processo de comunicação e interação, por vezes, surgem discrepâncias impassíveis de conciliação, produzindo emoções negativas que refletem, de certa maneira, a insatisfação por parte do indivíduo com os resultados obtidos.

Todo o projeto de identidade pessoal gravita, pois, em torno de emoções e suas repercussões no encontro social (TURNER/STETS, 2005, p. 290). Para evitar o choque entre projeção e repercussão e para otimizar a probabilidade de aceitação, a tradição cultural institucionaliza uma série de modelos interativos que garantam a segurança de resultados positivos. Embora isso nem sempre seja possível, a tradição de modos de comportamento possibilita certa estabilidade de interação, assegurando assim uma base suficientemente firme para manter contatos ou construir projetos comuns e garantindo, ao mesmo tempo, uma abertura propiciatória a oportunidades, inovações e aceitação de novos modelos. Sem a necessária segurança e certeza de resultados positivos, o projeto de construção de identidade se torna demasiado cansativo, resultando num dispêndio de energias igualmente necessárias para a construção de sentidos dentro dos parâmetros teleológicos existentes num espaço social.

Nesse contexto, o sentido existencial é uma narração biográfica que contém uma configuração teleológica, ou seja, uma certeza de finalidade, ao contrário da contiguidade dos objetos. A função dessa configuração teleológica é justamente desfazer as contiguidades existenciais, concatenando causas e efeitos de maneira que o indivíduo perceba o mundo e, sobretudo, sua encenação pessoal de maneira coesa e conexa. Narrar a própria existência de modo que transpire sentido representa uma habilidade essencial para incutir sentido também às ações isoladas que, em seu conjunto, formam a base da imaginação do futuro e motivam o indivíduo a agir de modo que alcance um determinado fim.

Os diferentes períodos históricos e, com eles, as diversas culturas com suas respectivas malhas de sentidos oferecem aos membros inseridos em seu espaço cultural uma série de pacotes narrativos (KEUPP, 2002) com os quais podem encenar suas existências, sem ter de despende

muita energia cognitiva em criatividade diegética. Esses pacotes prescrevem, até certo ponto, como o sujeito pode viver sua vida e, sobretudo, em que fins deve encontrar sentidos. Em outras palavras, eles lhe fornecem a motivação necessária para agir e alcançar fins que estejam em consonância com a narração adquirida. O próprio processo de socialização promove essa aquisição, ajudando o sujeito a esquivar-se da contingência e do vazio de uma existência puramente vegetativa e visceral.

As emoções têm um papel fundamental nessa construção de sentidos, especialmente as positivas, pois promovem uma coesão mais estável e intensa, justamente por potencializarem a sensação inconsciente de finalidade. Enquanto as emoções negativas tendem a ocasionar rupturas na coerência narrativa, pondo em risco também a configuração de finalidade. Isto é, uma pessoa atormentada por ciúmes já não sabe se a pessoa amada estará em seu futuro; alguém supliciado por sentimentos de ódio é incapaz de construir malhas duradouras de sentido por almejar a aniquilação do outro. As emoções, produtos de interpretações e narrações, ajudam a construir uma linearidade teleológica por meio da qual o indivíduo possa narrar e perceber a si mesmo.

Com a distribuição desigual de recursos – físicos, cognitivos, financeiros, sociais etc. – e com "pacotes existenciais" impondo imagens de finalidade, por vezes, inalcançáveis, a construção eficaz de sentido causa inveja, sobretudo, àqueles cuja habilidade de narrar sua existência é insuficiente para depreender finalidade de seu próprio enredo. A expressão de inveja, por exemplo, revela dois aspectos importantes: em primeiro lugar, indica os objetos cobiçados, ou melhor, as histórias ou os pacotes narrativos cujo teor o indivíduo invejoso almeja; por outro lado, patenteia também as fraquezas daquele que não logra concatenar elementos biográficos de modo que instaurem sentidos independentes das imposições do meio social.

2 SENTIDO E INVEJA NO ROMANCE DIE LIEBHABERINNEN DE ELFRIEDE JELINEK

Em *Die Liebhaberinnen*, Jelinek constrói duas personagens cujas configurações de finalidade existencial gravitam quase que exclusivamente em torno de bens alheios. Já o título, *As amantes*, indica que o conteúdo daquele projeto de vida que se encontra no centro de suas narrações não lhes pertence, a saber, o homem a quem dedicam sua atenção. As buscas das duas protagonistas, paula e brigitte (letras minúsculas no original), têm um único fito: apossar-se do objeto de sua cobiça e garantir que este não encontre meios para libertar-se de seus domínios. Nesse comportamento, elas revelam alienação e incapacidade crítica (BETHMAN, 2006, p. 60; HAINES, 1997, p. 653). Ou seja, trata-se, antes de mais nada, de uma contenda de objetos,

homens que procuram amantes como objetos de prazer, e mulheres que procuram objetos para alicerçarem inconscientemente seus projetos teleológicos, culminando na reificação.

Os esforços envidados pelas protagonistas se encontram parcialmente em consonância com os pacotes de identidade impostos pelos princípios imbricados no meio social configurado na realidade diegética como casamento, construção de família, detenção de posses, limpeza, beleza e símbolos de status. Ao mesmo tempo, sobretudo no que concerne à construção de identidade de paula, há uma série de elementos que destoam dos princípios defendidos pelo meio social, em especial, pela geração anterior, como realização profissional, autonomia, liberdade e melhores chances de vida. Dessa lista não é difícil inferir que se trata de projetos comuns à grande parte dos integrantes de uma sociedade. O que difere, não obstante, dos padrões correntes é a excessiva reificação de todas as interações humanas. A construção de sentido existencial se resume a ter ou não ter e o denominador comum de todas as linhas de ação para o alcance de projetos teleológicos é a inveja de tudo e de todos.

Submersas nessa inveja, as protagonistas são vítimas de uma cegueira que já não lhes permite reconhecer outras possibilidades de comunicação ou interação. Portanto, o escopo de realidade a que têm acesso se restringe a interpretar os signos de acordo com as categorias de posse. Todas as outras possibilidades de apropriar-se da realidade se lhes escapam, pois seu único objetivo é consubstanciarem-se com os objetos a que atribuem um valor existencial. Embora jamais derivem satisfação anímica dos objetos obtidos, o que lhes importa é tomar posse. Enquanto isso não acontece, o olhar invidioso recai sobre aqueles que detêm o tesouro cobiçado, alimentando uma animosidade mal refreada, independentemente de tratar-se de familiares ou desconhecidos. A construção de uma frente teleológica, portanto, não considera outros modelos de finalidade senão a posse de objetos.

3 POSSE, CASAMENTO E SIGNOS DE ÊXITO

Para a protagonista brigitte, tão logo surja alguém que possa significar uma eventual ameaça ou que questione a legitimidade da pretensão do bem em vista, um instinto bestial se manifesta para assegurar a posse da presa, desconsiderando todos princípios sociais e éticos: "brigitte já está sentindo um ódio de novo. a prova de conclusão. o negócio no futuro, as economias dos sogros, tudo isso parece se afastar, heinz, com essa sensação de esquiador pronto para descer a montanha que ele nunca sente quando está com brigitte, parece estar se concentrando de novo completamente na susi" (JELINEK, 2004, p. 124, todas as traduções são do autor deste artigo). Tanto heinz, o marido pretendido, como susi, a potencial rival, são vistos

unicamente como objetos, aos olhos de brigitte: ele, como instrumento para adquirir os bens cobiçados; ela, como obstáculo que a impede de chegar mais rapidamente ao destino.

Na visão de mundo de brigitte, existem duas categorias de pessoas: aquelas que já casaram e aquelas que ainda estão à procura. Portanto, enquanto não está casada, inveja todas as mulheres que já lograram o grande feito, interpretando o comportamento desse grupo como provocação. Obliterando todos os outros caminhos de realização pessoal, ela enxerga somente o marco a ser transposto pelo casamento, sem perceber possíveis configurações além desse limes. Ao atribuir-lhe tamanho peso, a inveja suscitada se transforma em algo ainda mais intenso, causando uma distorção ainda maior do escopo de realidade no qual se movimenta. O casamento é salvação e prova definitiva de êxito:

por acaso, pois, brigitte reconheceu que além do trabalho, que ela não quer, das colegas, que ela não consegue suportar porque ela, na verdade, já não é mais uma delas, que ela não consegue mais suportar de jeito nenhum porque as colegas ainda a consideram uma delas, o que ela já não é há muito tempo, graças ao heinz, ao melhor que outros, ao melhor pura e simplesmente, por acaso, pois, brigitte reconheceu que na vida, além de trabalho, trabalho, mudar de roupa para o trabalho, fazer café, trabalho, etc. também ainda existe o um e único que lhe envenenou e estragou completamente tudo isso, por acaso brigitte conheceu HEINZ. heinz e as consequências (JELINEK, 2004, p. 46).

Toda sua existência é reconfigurada a partir desse fato. O marido heinz praticamente encarna a perfeição absoluta, fazendo todo o resto desaparecer. A repetição excessiva do fator da causalidade em sua argumentação corrobora a dimensão existencial que ela atribui às chances recebidas pelo destino. Sua vida jamais poderia implicar satisfação ou realização pessoal se heinz não tivesse aparecido. Essa é a lógica inscrita em suas palavras.

Importante nessa apresentação figural é o fato de que brigitte derive sua autonomia, um bem essencial para a construção de sentido existencial nas sociedades modernas, aparentemente de modo exclusivo do marido, renunciando ao trabalho e a todos outros meios de garantir sua independência pessoal para dedicar-se exclusivamente ao papel social de esposa. Não obstante, muitas de suas falas e representações narrativas indicam que o motivo primordial é a inveja. Ao enfatizar a importância do marido em sua existência, obviamente ela está retomando ideais importantes para o seu entorno e pacotes narrativos intrínsecos ao meio em que vive, sem questioná-los em nenhum momento. Muito pelo contrário, em suas falas, Brigitte se revela indiretamente como defensora acirrada de um modelo existencial que aniquila a independência e a importância da mulher.

Esse comportamento poderia sugerir que se trata de uma mulher ingênua que submerge irrefletidamente no matrimônio, para garantir sua conformidade com as imposições sociais. Brigitte, no entanto, está longe de representar a vítima sofredora, antes, trata-se de uma mulher

cujo pragmatismo está muito próximo do maquiavelismo. Esse pragmatismo, arraigado num nexos de causalidade que envolve todos os âmbitos de sua existência, é derivado pela protagonista da gramática da inveja. Logo, sentir e despertar inveja representam dois eixos estruturantes, por meio dos quais a protagonista se apropria da realidade. Ou seja, não se trata do amor que ela sente pelo marido ou de uma possível realização pessoal que ela poderia legitimamente depreender de seu relacionamento, no centro dessa lógica se encontra a produção de signos de inveja. Faz-se, conseqüentemente, necessário realizar certos projetos existenciais, não para garantir satisfação pessoal, mas para impor os signos do êxito aos outros, logrando assim a imposição da superioridade.

Elfriede Jelinek parece mostrar a tragédia pessoal do ser humano submerso numa sociedade mesquinha e sem chances de apropriar-se de outros segmentos da realidade que não condicionados pela lógica do objeto. Se no centro de toda ação e toda interação se encontra a lógica da inveja, quaisquer outros valores estão condenados a serem aniquilados. Até mesmo a complexidade da realização pessoal e a construção de malhas teleológicas acabam sendo subjugadas a um nexos de causalidade em que predominada a animosidade, debelando o princípio da união.

4 SOBRE O SENTIDO DA FAMÍLIA

A incapacidade subjetiva de transcender esse modelo de ação também se patenteia nas reações dos pais de heinz (o marido pretendido pela protagonista brigitte) e erich (o marido pretendido pela segunda protagonista paula). As mulheres que pretendem cortejar os respectivos filhos e que alimentam esperanças de conquistá-los para o matrimônio são vistas como invasoras de um reino sagrado ao qual não têm legitimamente qualquer direito. Por conseguinte, os pais de heinz perguntam: "por que brigitte tem de querer tanto, na verdade a maior parte, a saber, nosso filhote? Por que brigitte não está contente com aquilo que ela tem, ou seja, nada?" (JELINEK, 2004, p. 36). O bem, em risco, é em primeiro lugar a força juvenil dos filhos e sua potencialidade de ser transformada em recursos para a família inteira. O temor reside na probabilidade de ter-se de dividir os bens produzidos pelo vigor juvenil. Todo tipo de relacionamento que surge na realidade ficcional, inclusive na família, segue a lógica tão somente da troca de bens (SPANLANG, 1992, p. 235).

Sem o menor intuito de dividir, a geração paterna constrói suas malhas de sentidos a partir das grandes chances que vislumbram nos filhos: Erich, o galã, que teria chances de conquistar uma mulher rica para tirar a família de sua situação atual; e Heinz, o possível

empreendedor, que com suas habilidades poderia criar um negócio, dando oportunidade aos pais de continuarem uma vida ativa. O futuro dos filhos e sua capacidade criativa estão inseridos em diversos planos ideados pelos pais. A mera hipótese de querer ignorar as necessidades dos progenitores, desapropriá-los dessa oportunidade e impor um futuro em que estes não estejam presentes provoca sua ira, implicando uma série de ameaças. Todos esses recursos empregados para garantir que os filhos enveredem pelo caminho desejado estão arraigados no medo, por parte dos pais, de serem abandonados na miséria, que, por sua vez, desintegra toda sua base de sentido.

A presença repentina de duas mulheres que não condizem com seus planos tem de automaticamente representar um perigo que ameaça toda sua estrutura. Diante desse risco, a mãe de erich resume categoricamente:

conclusão: paula não vai entrar nesta casa, só sobre os cadáveres de três pessoas adultas. não tem mais trabalho sobrando, nós fazemos nosso trabalho sozinhos, as mulheres o serviço das mulheres, o homem erich o trabalho dos homens, que é considerável. além disso, erich também é importante para arranjar dinheiro. dinheiro é quase que mais importante e mais difícil de se conseguir do que trabalho. o que nunca nos falta é trabalho, mas dinheiro de vez em quando (JELINEK, 2004, p. 101).

O que alimenta a argumentação não é a felicidade ou a união familiar nem a realização pessoal ou matrimonial do filho. Trata-se única e exclusivamente de ímpetos egoístas que pretendem manter o estado atual e assegurar o próprio bem-estar. A construção de sentido dos pais está baseada em objetos, bens materiais e status social. Tão logo esses bens se encontram ameaçados pelos interesses de terceiros, neste caso as prováveis noras, o ciclo de ação desencadeado atualiza a intensidade da inveja, patenteando que os reais motivos - por trás dos argumentos socialmente articulados - estão atrelados à incapacidade de dividir com outro um bem em comum.

5 REPRODUÇÃO DE MODELOS E ENTRAVES PARA INOVAÇÃO

Esse comportamento acaba sendo irradiado também para os filhos, de maneira que estes tampouco vêm nos pais qualquer outra função senão um instrumento para assegurar bens materiais. Os filhos os invejam enquanto os pais detêm o poder sobre suas vidas e os desprezam assim que já não mais necessitam de seu apoio, desejando tacitamente sua morte para que possam viver sem quaisquer responsabilidades morais para com eles. Essa reificação de todos os laços sociais e de todas as interações intersubjetivas conseqüentemente têm de reduzir as possibilidades de construção de sentido a um mínimo, encolhendo consideravelmente o leque de

possíveis interpretações da realidade e de sua inclusão nas narrativas pessoais. Com a ditadura dos objetos reinando sobre a vida das personagens, não lhes resta outra coisa que invejar e tentar, de alguma forma, também ser invejado.

Para isso, a tríade – marido, filhos, bens materiais – são de suma importância, com essa sequência de aquisição preferencialmente sendo respeitada. Trata-se de uma concepção de existência sem espaços para desvios de modelos tradicionais, imposições próprias ou necessidades de expressão alternativas. Ao contrário da habitual premência por parte das novas gerações de renovarem o ciclo de narrativas de identidade e de imporem, geralmente num processo conflituoso com as gerações anteriores, novos signos de representação pessoal e social, as protagonistas, em especial brigitte, não só aceitam os modelos culturais transmitidos, mas até mesmo os exigem, revalidando sua legitimidade.

Com base nessa concepção de existência, todo movimento de aproximação alheia a um bem cobiçado invariavelmente tem de ser considerado uma ameaça à própria pessoa, sobretudo, se o objetivo em questão pode ser alcançado antes que o sujeito da inveja já o tenha empregado como signo de superioridade. A consequência desse olhar incansavelmente alerta é o temor não somente de que outros se apoderem do objeto em vista, mas sobretudo de que tenham o poder de encenar-se socialmente de tal maneira que possam impor sua posição hierarquicamente superior no que concerne ao status social.

O temor de ter de aceitar uma possível inferioridade na competição de status é o que leva brigitte a sentir-se atribulada: "hoje brigitte, como muitas vezes, sente um medo terrível de que susi, a mulher aluna de liceu, venha a ficar grávida antes dela, para o que faltam os pré-requisitos mais primitivos" (JELINEK, 2004, p. 116). Além de ser sua rival imaginária na competição pela atenção de heinz, brigitte já a enxerga como ameaça ao segundo tripé da tríade sagrada, logo, a incorporação de um perigo duplo. A lógica da ação invejosa impera igualmente sobre o instinto da maternidade, se este existir de todo. Para brigitte, o projeto de construção familiar não implica um objetivo em si, antes representa um instrumento para saciar sua necessidade de encenar-se dentro dos padrões ditados pela sociedade. Os próprios filhos não significam um fim do qual brigitte possa depreender sentido existencial, servindo única e exclusivamente como máquina de produção de signos de status.

Por conseguinte, o temor experimentado em relação à produção de prole não difere substancialmente da inquietação gerada em decorrência da incerteza sobre a apropriação definitiva de bens materiais. O olhar perscrutador de brigitte, em nenhum instante, perde de vista suas propriedades imaginárias, temendo ininterruptamente que outros as cobicem e se apoderem delas antes de poder legitimamente exigir sua devolução. O temor excessivo por bens que, na

verdade, são irrisórios se vistos à luz da ambição ilimitada de brigitte, demonstra a importância do modo "ter" de acesso à realidade e de configuração de sentido existencial. Suas incansáveis tentativas de controle, seu medo descabido e seu ímpeto de apropriação revelam um grau elevado de irracionalidade, patenteando uma figura cuja ação e produção de signos no entorno intersubjetivo remontam reiteradamente às pulsões intransigentes da inveja. Diante das imposições prementes de emoções inconscientes – pois brigitte em nenhum momento se dá conta daquilo que realmente a move para alcançar seus objetivos – o status "quase" potencia ainda mais os latejos de posse, transformando-a num ser ébrio incapaz de reconhecer outros caminhos senão aqueles que invariavelmente levem aos objetos cobiçados.

O império da inveja se impõe em diferentes recantos da construção de sentido existencial, sem jamais permitir que o indivíduo subjugado a seus desmandos se aperceba de sua soberania:

quando a mãezinha tem um dia ruim, então ela pensa que a mulher-açougueiro, por exemplo, tem um próprio reino de dona-de-casa, mas também um próprio açougue. então a mami dá um empurrão com os dentes afiados do ancinho no neto-franzi. a choradeira e a gritaria de franzi compensa a mãezinha por a mulher-açougueiro ter dois reinos próprios, um reino de dona-de-casa e um reino de açougueiras. a gritaria de franzi leva a mami de volta ao xis da questão, a saber que ela mesma tem tudo que uma mulher pode desejar. e todos estão com saúde. esquecida está a mulher-açougueiro. franzi é consolado amplamente. o que a mãezinha mais pode desejar? nada (JELINEK, 2004, p. 75).

Fica óbvia a incapacidade, por parte da personagem, de distanciar-se de seus próprios sentimentos para analisar a origem, motivação e influência sobre seu comportamento. Tomada pelas urgências viscerais da inveja, seu acesso à realidade se reduz a um segmento iluminado pela emoção que a domina, sem perceber que na escuridão de realidade que a envolve há diversas outras possibilidades de desenlear fios narrativos igualmente lícitos e passíveis de serem integrados em sua narração de mundo.

A violência usada para com a criança tem duas funções. Ela distrai o indivíduo da ação, impedindo que reconheça os verdadeiros motivos de seu comportamento; ao mesmo tempo, recoloca a narração idiossincrática de mundo nos eixos, debelando o sentimento de inferioridade causada pela distribuição desigual de objetos. Importante salientar, a ação e a interação desencadeadas pela figura têm origens e motivações bem diversas daquelas que a própria personagem lhes atribui diante do foro interior. Ou seja, há uma série de coisas acontecendo, sem que ela se dê conta. Isso vale igualmente para as tentativas posteriores de consolação. Ao consolar a criança, o que a personagem faz é novamente distrair-se para que sua verdadeira motivação não chegue a sua consciência, preferindo uma nova narração de mundo, na qual o

sujeito consolador é bondoso, amoroso e eticamente correto. Essa imagem se torna socialmente narrável e passível de inserção na narração da identidade pessoal. Sua argumentação falaciosa culmina com uma contradição, ao afirmar que não necessita de nada para ser feliz. Todo seu comportamento foi impulsionado justamente por sua incapacidade de não poder aceitar que não possui aquilo que outros têm. Isso indica vacuidade das palavras e da predominância dos dizeres sociais, ou seja, das narrações socialmente instituídas e legitimadas que servem, entre muitas outras coisas, para um distanciamento ainda maior do sujeito de si mesmo.

A presença e o amor da criança, a saúde, a satisfação pessoal independente de objetos, de fato, incorporam valores que poderiam muito bem guiar sua produção de signos para a construção de sentido existencial, mas definitivamente não o são. O que a impele no processo de desbravamento de realidade e na organização de vetores teleológicos é a lógica implacável da inveja. Jelinek parece mostrar nessa encenação figural quão pouco o sujeito da argumentação conhece a si mesmo e quão grande é sua necessidade de encontrar narrações aceitáveis para não ter de refletir sobre si.

Ao mesmo tempo, ela também apresenta figuras que tentam escapar desse redemoinho para trilhar novos caminhos, como é o caso de paula, a segunda protagonista. Inicialmente, esta incorpora uma jovem cheia de planos, ideando projetos de vida que diferem substancialmente daqueles pelos quais seus pais optaram: "por vezes, uma filha não quer morrer tão rapidamente como deve, preferindo continuar, por mais dois anos, de vendedora e viver! sim viver! ela quer, em raros casos, ser vendedora na capital do distrito, onde ainda há outras profissões" (JELINEK, 2004, p. 16). A morte, neste contexto, significa casar-se, submeter-se aos caprichos do marido e dedicar-se integralmente à casa e aos filhos. O matrimônio vem automaticamente acompanhado pela renúncia ao emprego e à autonomia, por parte da mulher. Portanto, trabalhar por mais alguns anos e talvez até mudar-se para outra cidade implica a chance de alcançar perspectivas de trabalho mais amplas e, sobretudo, de proteger a independência por mais tempo. Esses voos de liberdade, no entanto, têm suas asas cortadas no cerne da família:

o papai e o gerald são da opinião de que paula não pode se safar com a alfaiataria fácil e limpa, se eles mesmos fazem o trabalho pesado e sujo com a madeira. que ela não acredite que ela pode escapar do ódio do papai com um trabalho limpo, com o papai tendo que se casar com a mamãe por causa dela, é, não por causa dela mas por causa de sua irmã mais velha, que agora já está casada e é inatacável. então se nós já odiávamos sua mamãe, porque ela pôde fazer o trabalho limpo de casa, enquanto nós temos que fazer o trabalho sujo difícil, então se, na bebedeira, nós já surramos sua mãe muitas e muitas vezes até deixá-la meio morta, então se nós já jogamos as botas sujas na cara de sua mamãe e as calças sujas no banco, as calças de trabalho sujas no estofado novo de então, pois nós queremos jogar também em você abundantemente as botas sujas na cara e as calças sujas no banco, o que você então vai ter de limpar (JELINEK, 2004, p. 19).

Escapar do trabalho sujo e optar por um caminho que não condiz com os parâmetros instituídos pelos outros integrantes da família implica um anseio por modelos diferentes de construção e narração existencial. Ao fazê-lo, paula indiretamente questiona as receitas herdadas no seio da família, atrevido-se a almejar modelos de realidades que não fazem parte do escopo permitido. A lógica da inveja, não obstante, tem de impor obstáculos para impedir essas tentativas de subverter as tradições. Imaginar que a própria filha pudesse alcançar um êxito profissional com qual pai e filho jamais ousaram, ou melhor, não tiveram a capacidade de sonhar desperta sua hostilidade e lhes impõe a necessidade de prendê-la para que não alce voos que lhes indique uma possível inferioridade. Sua linearidade teleológica está interessada justamente em manter o estado atual, pois toda mudança implicaria a premência de repensar e remodelar sua própria orientação teleológica. A filha, por conseguinte, representa um perigo à representação pessoal na sociedade e diante do foro interior.

Esse mesmo embate tem lugar entre mãe e filha tão logo a filha expressa seu desejo de ter mais liberdade, de melhores chances de vida ou simplesmente de acesso a entretenimento. Incrédula, a mãe se pergunta por que a filha teria direito a uma vida melhor, se ela mesma não o teve. Quando Paula anuncia que quer ir ao ginecologista para que este lhe prescreva um anticoncepcional, a mãe reage com indignação: "sua porquinha, diz a mãezinha, deixar um homem estranho se remexer dentro de você, que nojo. enquanto a Paula viver no seu reino de dona-de-casa, ela não vai fazer isso" (2004, p. 76). A argumentação moral, arraigada em valores ultrapassados, serve somente para mascarar sua verdadeira motivação. A mãe, como o pai e o irmão, não admitem que paula tenha chances que eles não tiveram. Com medo de terem de repensar suas existências com alguém na família que conseguiu libertar-se das garras da miséria anímica, eles preferem dismantelar seus projetos para que assim assegurem seu lugar de superioridade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para resumir, embasada na lógica do objeto, a orientação existencial dos protagonistas se norteia no princípio da produção de inveja. Construir a própria existência sob uma linearidade teleológica implica causar a inveja em outros e evitar ser vítima desse sentimento, sempre levando em consideração a posição na escala hierárquica do sujeito para contornar desequilíbrios na distribuição de signos. Partindo desse princípio, toda comunicação entre os personagens está pautada pela supremacia do objeto, impedindo, por conseguinte, que processos de empatia ou solidariedade se desenvolvam. Com a necessidade de comprovar ininterruptamente a superioridade do sujeito, a ação jamais é desprovida de interesses egoístas e a interação acaba sendo reificada.

Objetivo central nesse pacote existencial é o alcance da tríade "marido-filhos-bens" por parte das protagonistas. Em nenhum momento, o amor tem um papel importante nesse contexto, muito pelo contrário, ele se limita a ser instrumento para acesso aos bens cobiçados. Esses projetos tampouco representam um fim em si, eles são meios para outros objetivos, a saber, assegurar a posição de superioridade para a produção de inveja alheia. Com isso, o acesso e a interpretação das malhas de realidade são reduzidos a um mínimo, já que passam sempre pelo crivo imposto pelo sentimento da cobiça.

Na produção de signos de sentido existencial, a inveja também representa a força motriz para impedir que outros alcancem bens, por medo que isto venha a questionar a própria orientação teleológica. Dentro do núcleo familiar, esse modelo de ação acaba empurrando as gerações novas a perseguir os mesmos modelos de comportamento, pois tentativas de configurações alternativas são punidas com a exclusão e a violência por parte dos outros integrantes familiares. Por conseguinte, a inveja e suas premências irracionais acabam influenciando tacitamente diversos projetos de vida, conferindo-lhe signos de sentido existencial e manipulando ações e interações, sem que o sujeito se dê conta da importância que ela tem no cerne da motivação. Ensaios de autodistanciamento ou uma reflexão crítica sobre as próprias ações não têm lugar. Assim, as emoções corroem a possibilidade de autonomia reflexiva e volitiva do sujeito, que se transforma numa marionete sem capacidade para impor limites aos ímpetus irracionais que o acometem. Sem esse distanciamento, a construção de sentido existencial é determinada por uma instância sobre a qual o sujeito não detém qualquer controle.

REFERÊNCIAS

JELINEK, Elfriede. **Die Liebhaberinnen**. Hamburg bei Reinbek: Rowohlt, 2004.

KEUPP, Heiner et alia. **Identitätskonstruktionen. Das Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne**. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2002.

SPANLANG, Elisabeth. **Elfriede Jelinek: Studien zum Frühwerk**. Wien: VWGÖ, 1992.

SOLOMON, Robert C. **Gefühle und der Sinn des Lebens**. Tradução do inglês: Hans Günter Holl. Frankfurt am Main: Zweitausendeins, 2001.

TURNER, Jonathan H.; STETS, Jan E. **The Sociology of Emotions**. New York: Cambridge University Press, 2005.

VOSS, Christiane. **Narrative Emotionen: eine Untersuchung über Möglichkeiten und Grenzen philosophischer Emotionstheorien**. Berlin: de Gruyter, 2004.